

## **NOME E SOBRENOME: UMA FORMA SIGNIFICANTE DE CHAMAR E SER CHAMADO**

Paulo Henrique Yaekashi\*

**Resumo:** Muitos tem delegado grande poder ao seu nome, como se este fosse algo que os determinassem em suas ações e condutas. A partir de uma posição psicanalítica lacaniana, pretende-se questionar as determinações dos nomes e incluir as sobredeterminações dos sobrenomes, através de algumas releituras de acontecimentos culturais presentes nas mídias (reportagens, internet, filmes e música). Significantes tão apagados na nossa atual cultura, mas com grande peso para a organização do Sujeito e das neuroses.

**Palavras-chave:** Psicanálise; nomes; cultura.

Quando foi que os nomes passaram a ser determinantes? Nada contra as revistas de bebês que sugerem nomes oferecendo também suas origens e significações. O nome Agenor, por exemplo, tem origem grega e quer dizer viril, másculo<sup>1</sup>, porém adicionar que este elemento seja capaz de determinar o sujeito, nos remete às concepções do misticismo.

A psicanálise também pode oferecer uma possibilidade discursiva sobre as significações dos nomes. Já se adianta que não estamos falando sobre uma assertiva determinista, aliás, é justamente contra esta acepção que a psicanálise vai se levantar. Ora, pensemos em Agenor. O que significa ser viril? másculo? Até podemos pensar na ideia de virilidade relacionada com o feminino, no sentido de vigor ou de esforço, mas geralmente a qualidade de viril liga-se ao masculino, especialmente a uma parte específica do homem. Acrescentando o termo másculo, temos uma leve ideia de que tipo de sujeito estamos formulando. Homem com H, macho, cabradapeste...

Seguindo este raciocínio fica fácil relacionar o jovem Thor e seu incidente no Rio de Janeiro<sup>2</sup>. O grande deus do trovão em toda sua ira, literalmente, atropelou um reles mortal. Mas falando no Thor Batista, filho do empresário Eike Batista e não o personagem mitológico ou a criação de Stan Lee, até onde conseguimos sustentar o fato de que o rapaz ter o nome Thor levou-o a atropelar um ciclista? Se seu nome fosse Agenor, o acidente aconteceria da mesma forma?

Talvez sim, talvez não. Afirmar uma coisa dessas sairia completamente da psicanálise, contudo podemos confabular. É comum ouvirmos de que o nome pode determinar o sujeito, assim deve-se ter cuidado ao escolher os nomes dos futuros bebês. Vide o exemplo da afortunada família Batista. Por outro

lado, e agora sim, a partir da psicanálise, mais especificamente, da psicanálise lacaniana, pode-se pensar nestas questões a partir dos significantes.

Sabe-se que este conceito é tirado da linguística de Ferdinand de Saussure, com uma diferença. Para Saussure o signo linguístico é arbitrário, isto quer dizer que, o significante “S” (a imagem acústica; não apenas o som, mas também a marca psíquica desse som) não é motivado, visto não ter qualquer tipo de ligação natural ao significado “s” (conceito) - s/S. Desta forma a ideia de pé não está ligada por nenhuma relação à cadeia de sons *p* + e que lhe serve de significante, podendo ser representado por qualquer outra. Não há uma relação imutável de colamento entre significante e significado, existe sim uma autonomia do significante com relação ao significado, sendo esta autonomia o que permite as substituições presentes na metáfora e na metonímia (Gentil, 2006).

Jacques Lacan inverte a fórmula de Saussure, dando primazia no signo linguístico para o significante sobre o significado - S/s, não só isso, mas sobretudo à cadeia significante. O que muda aqui, é que o significado passa a ser produto do deslizamento dos significantes. Quando falamos, em nosso discurso, há uma série de significantes dispostos temporalmente. O significado total do enunciado não está fadado à soma dos significados de cada palavra.

Entendemos melhor estes conceitos quando juntamos o axioma lacaniano, melhor visto no Seminário 11 (Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise): “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1988). Isto não é o mesmo dizer que o inconsciente é uma linguagem, mas que seus mecanismos são os mecanismos de uma linguagem. Bom, vamos tentar ilustrar com um exemplo para depois poder avançar.

Pense no significante ROSA. Você poderia perguntar: a flor? a cor? ou a filha do Zé?... Pensar que o significante por si só seja capaz de determinar algo, é uma leitura muito superficial da teoria lacaniana. Este erro vem quando analisamos a estrutura S/s por ela mesma. Ora, não dissemos que o S está sempre presente numa cadeia de outros significantes? Ajudaria a pensar no significante ROSA se dissesse uma frase completa: “A Rosa tem o cheiro da flor que lhe empresta o nome.” Mesmo tentando ser poético, os significados ficam um pouco mais claros sobre o significante dentro de um contexto. De novo, pense no significante ROSA. Mas, de onde vem esta cadeia de significantes? Existe um local de origem, um ponto de referência que determina todo o resto dos significantes?

Poder articular cada significante individualmente é um privilégio de poucos. Para ser mais exato, trata-se de um privilégio da psicose. Para os não-psicóticos e, que já

passaram (ou estão passando) por um processo de análise, sabem o que quer dizer dar profundidade a um significante. O que acontece no divã é ouvir o analista dar maior ênfase numa ou noutra palavra. Diante da frase acima este poderia dizer: “Me fale sobre a rosa!”, do outro lado, estaria tentando explicar o porquê foi usado a palavra rosa para dar este exemplo e não Maria ou girassol. O mal-estar criado a partir disso se deve ao fato de que o significante está encadeado em algo que revela o sujeito. E o que o sujeito revela? Revela uma falta!

Em lacanês: “o sujeito não é jamais senão pontual e evanescente, pois ele só é sujeito por um significante, e para outro significante” (Lacan, 1985).

É possível articular o primeiro significante (S1) a partir do Estádio do Espelho, sabendo que existe ali uma demanda. Através do anunciado: “tu és isto!”, considera-se que será também o tronco das identificações secundárias (Lacan, 1998). Só é possível ao bebê reconhecer sua imagem no espelho, pois há um outro que demanda um saber. Esse investimento libidinal é da ordem da metáfora materna. É dentro desta completude que o bebê vai se inscrevendo no mundo, a partir do discurso da mãe. Não à toa diz-se que “antes de falar, somos falados” (Vanier, 2005). Pois bem, este investimento que a mãe faz com relação ao

bebê - incluindo aqui a escolha do nome - trata-se de uma cadeia de discurso que o insere num lugar. Isto faz com que o bebê seja o Fulano e não um hambúrguer. Se num primeiro momento é oferecido ao bebê um lugar que o completa, pois se chora de fome, logo é saciado, se chora de novo tem as fraldas trocadas, Lacan (1999) dizia que o bebê é inserido num lugar de desejo, o desejo da mãe. O bebê é o desejo do desejo da mãe. Esta seria a entrada da criança no complexo de Édipo que Lacan dividiu em 3 tempos.

Sabemos também que o desejo da mãe a remete a algo. Existe uma Lei que organiza este desejo, que o limita, que o priva, que o interdita. Contudo, de quem é a Lei? Quem porta, no discurso, o “não”? Aquilo que Lacan (idem) chamou em sua teoria de metáfora paterna, ou o significante do Nome-do-Pai, tem sua importância, não apenas para a teoria psicanalítica, mas também para a constituição do sujeito. Temos aqui um ponto central, pois marca a entrada da criança no simbólico, o que num outro momento (S1) foi possível à criança constituir um imaginário.

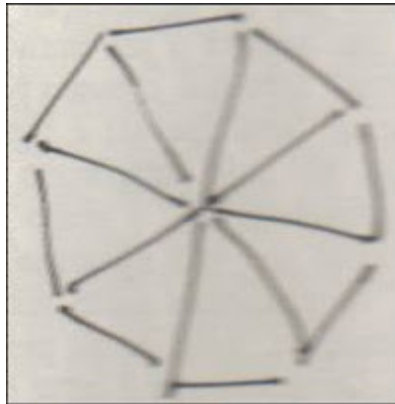
Certa vez uma mãe disse ao filho que não parava de chorar: “Se você não fechar a boca, vou chamar a polícia!”, já podem imaginar que o choro agora não passava de alguns soluços acompanhados de olhares assustados. Ótimo que a mãe tenha feito uso da polícia, ninguém melhor para

ser portador da lei. Mas, nem sempre é assim, existem outros portadores e um deles mora debaixo do mesmo teto. A função da metáfora paterna remete ao pai, não apenas ao personagem masculino, marido da mãe, que detém um falo, é preciso que antes a mãe autorize a entrada deste pai enquanto castrador. Não por acaso, muitas mães diante da desobediência dos filhos, nomeiam terceiros na relação mãe-bebê como personagem ameaçador: “Se não parar de fazer arte, quando seu pai chegar você vai ver!”. A criança se vê diante da ameaça da castração, isso faz com que a Lei também a organize, pois se é válido para a mãe, que só tem o falo enquanto objeto do desejo, vale também para a criança.

Em termos práticos, temos algo assim: <http://youtu.be/40DKL2CYn7w>

Em termos teóricos, esta privação cria na estrutura do sujeito um ponto. Um ponto de estofo, ou ponto de capiton (S2) (Calligaris, 1989). É o que articula o simbólico. É possível agora construir cadeias de significantes, uma vez que os três registros estão presos por um nó. Real, Imaginário e Simbólico. É possível, neste momento, a neurose. Se houve um primeiro significante, S1, e agora diante do não, um outro significante, S2, que se liga ao anterior, é possível o S3, S4, S5... S249... Sabendo disso, o analista consegue

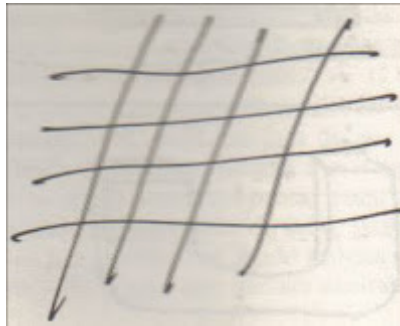
ouvir o analisando de um outro lugar, pois sabe que qualquer significante dito remete a uma cadeia que o insere num discurso. Algo assim:



Não existem significantes soltos, ditos ao acaso. Claro, que há a possibilidade da não configuração do Nome-do-Pai, Lacan (1999) chamou a isso de “Forclusão do Nome-do-Pai”. Pode-se pensar na psicose quando o simbólico se instaura como ausente. Um bom exemplo e que pode ser acessado, ou melhor, assistido é o caso do documentário *Estamira*, de Marcos Prado (2005). Sem o ponto de estofa que organiza a cadeia de significantes, qualquer significante pode ser qualquer coisa. Reparem no que *Estamira* faz com o nome, este é tomado pura e simplesmente como significante, assim *Estamira*, pode ser *esta mira*, ou aquilo que



serve como centro do olhar. Estamira não está fadada à Lei simbólica que a direciona à falta, seu discurso pode se servir de significantes disponíveis a céu aberto, algo assim:



O nome de Estamira não a remete a uma filiação. Pensando nos exemplos da relevância dos nomes, se o nome pode ser substituído pela palavra “determina”, sabemos que existe também um sobrenome, temos então algo que “sobredetermina”. Para quem leu Engels, em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, sabe que em algum momento da história da civilização as famílias eram organizadas a partir da mãe. Filiava-se numa ou noutra família a partir da mãe, só com o surgimento da propriedade privada é que as famílias passaram a se organizar levando em consideração o pai. Se antes eram as mulheres livres para se casar com outros homens tendo vários filhos com vários homens, como ficava o direito à herança que provinha

do pai? Para dar conta disso, ou seja, para que os bens não se dispersassem e ficassem numa mesma família, criou-se a monogamia. Em algum momento da história as famílias eram representadas não mais pelo nome, mas pelo sobrenome. Não nos parece obra do acaso que o sobrenome que faz filiação seja justo o do pai. Quando uma criança nasce o último nome registrado no cartório, invariavelmente, é o nome do pai.

Que um sujeito hoje possa alterar seu nome nos registros, tirar o sobrenome, delegar poder à numerologia, é uma coisa. Apagar o Nome-do-Pai da estrutura é outra coisa. Desta forma, o título do texto é proposital, onde diante da questão “Como você se chama?”, o sujeito possa fornecer seu nome. Entretanto, há um sobrenome com que este ser seja chamado. Não se chama, mas é chamado, aponta para um lugar que o inscreve numa certa ordem, numa filiação. Um bom exemplo é o cantor Prince, que mudou seu nome para um símbolo contido na capa do disco *The Love Symbol Album* (1992). Se Prince é psicótico, pensaríamos nesta questão de uma outra forma. Porém, talvez seja relevante o fato de que seu novo nome é impronunciável, pois fora da cadeia de significantes não pode assumir lógica enquanto palavra, somente enquanto coisa; talvez seja relevante que o símbolo junte representações do masculino assim como do feminino, sendo coisa apenas não porta identidade, gênero

ou sexuação; talvez seja relevante que o cara é um workaholic, pois pode usar o trabalho como forma de não entrar em contato com a falta; talvez seja relevante as constantes disputas com as gravadoras que o limitavam, pois estas assumiam o papel de castradoras. Ou talvez não seja nada disso.

O ponto é que um nome só é determinante, na medida em que é um significante. Um significante só tem sentido dentro de uma cadeia de outros significantes. O ponto nodal desta cadeia remete ao recalque. O recalque remete à falta. A falta nos lança ao mundo. E, o mundo está cheio de misticismos, teorias, conspirações, ideologias...

## Notas

\* Formado em Psicologia pela Universidade Bandeirante de São Paulo em 2005. Cursando Especialização em Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura, pela COGEAE/PUC-SP. Membro-fundador do Instituto Langage. Atualmente, é responsável pelas oficinas de Pensamento Crítico e de Informática na Associação Civil Anima. E-mail: phtimtim@hotmail.com

<sup>1</sup> Disponível em <http://bebe.abril.com.br/materia/agenor>, última visita em 24 de outubro de 2012.

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,filho-de-eike-batista-atropela-e-mata-ciclista-no-rio-diz-policia,850104,0.htm>, última visita em 22 de outubro de 2012.

## Referências bibliográficas

A Clínica. In: *Psicanálise Lacaniana*, Cap. IV, de Márcio Peter de Souza Leite. Disponível em <http://www.marciopeter.com.br/links2/psilacan/psilacaclinica.html>, último acesso em 22 de outubro de 2012.

CALLIGARIS, Contardo. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Disponível em [http://www.4shared.com/office/PYLjq1Vt/A\\_Origem\\_da\\_Família\\_da\\_Propried.html](http://www.4shared.com/office/PYLjq1Vt/A_Origem_da_Família_da_Propried.html), última visita em 22 de outubro de 2012.

GENTIL, Ana Catarina. *O signo: significado e significante*. FBAUL, 2006. Disponível em <http://aquele.do.sapo.pt/fbaul/3941significSignificantXX.pdf>, última visita em 22 de outubro de 2012.

LACAN, Jaques. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: *J. Lacan, Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

VANIER, Alain. *Lacan*; trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.